

Quando a crise desterritorializa: reflexões sobre giras de Umbanda *online*¹

Maurício Ferreira Santana²

Resumo: A pandemia de coronavírus iniciada em 2020 implicou em um deslocamento da prática umbandista do espaço físico para o virtual, onde adotaram-se as mídias para executar a liturgia em formato *online*, através de *lives*, devido à impossibilidade de abertura dos terreiros, mesmo que parcial. Partindo do pressuposto de que a Umbanda é um processo comunicacional entre entidade, médium e consulente, observa-se, através da análise de vídeos disponibilizados na plataforma YouTube, uma experiência diferenciada na questão da religiosidade (com base teórica em Mircea Eliade, Muniz Sodré e Luís Mauro Sá Martino) pois o espaço sagrado, ao mesmo tempo palco litúrgico, fragmenta-se para também surgir no espaço virtual ao espectador e acaba por reconfigurar aspectos comunicacionais e basilares da religião.

Palavras-chave: Umbanda. Mediatização. Giras *online*. Reconfiguração. Coronavírus.

1 Introdução

Existem diferenças entre as religiões mediúnicas, em especial as de matriz africana, e as religiões predominantes no Brasil como catolicismo e protestantismo (igrejas evangélicas), no que diz respeito à questão da experiência religiosa fora do chamado espaço sagrado (o templo, o espaço físico de culto). Enquanto que uma missa católica ou um culto evangélico têm ampla divulgação em diferentes mídias (comumente na televisão e em canais de *streaming*), possibilitando a manifestação da religiosidade, ou seja, facultando a experiência (MIKLOS, 2010, p. 40; MARTINO, 2016, p. 152), nas religiões de matriz africana o tipo de experiência fora do espaço sagrado (o terreiro) parecia até então irrealizável, visto a existência de particularidades que exigiam a prática em locais físicos, protegidos espiritualmente e energeticamente; ou seja, os terreiros (roças ou no iorubá *egbé*), também são espaços configurados como território-corpo da resistência identitária: “[n]a Umbanda, os processos simbólicos de iniciação também estão ligados a uma definição de identidade. A frequência a um terreiro [...] também se refere ao estabelecimento de quem se é.” (MARTINO, 2016, p. 140, grifo nosso).

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho “Mídias contemporâneas e práticas socioculturais” do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

² Doutorando em Comunicação e Linguagens (PPGCOM-UTP), jose_sandino@yahoo.com.br.

A inquietação que instigou a elaboração deste artigo – extrato de uma pesquisa mais ampla de doutoramento com desdobramentos adicionais – foi justamente uma interrupção da experiência religiosa do autor³ e da impossibilidade de ter contato físico com o terreiro, causada pela pandemia de coronavírus no início do ano de 2020. Sendo assim, surge o problema: como manifestar a religiosidade se há o impedimento de comparecer ao local de culto? De que maneira a egrégora umbandista pode executar sua liturgia afastada do espaço sagrado, fragmentada e desconectada da corrente energética do terreiro?

Neste artigo é abordada a questão da experiência religiosa – presumida como reconfigurada, dadas as justificativas adiante – na religião de Umbanda, procurando lançar questões sobre novas abordagens na questão da experiência umbandista, utilizando como recorte temporal a pandemia de coronavírus (COVID-19) que atingiu o território brasileiro em meados de março de 2020, obrigando ao fechamento dos terreiros. A problemática tratada é a ausência presencial no espaço sagrado para prática religiosa e a busca de alternativas – o espaço virtual, profano – que é um paliativo à questão da necessidade de se vivenciar a experiência, no entanto caracterizada como uma experiência desterritorializada, pois longe do espaço sagrado não se pode reunir os três principais elementos da hierofania umbandista, denominados nessa investigação como uma “tríade”⁴ entidade/médium/consulente; o espaço sagrado, segundo Mircea Eliade (2019), “[...] implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 2019, p. 30). A hierofania aqui citada é emprestada também de Eliade como “algo de sagrado [que] se nos revela [e] manifestações das realidades sagradas” (ELIADE, 2019, p. 17) que também tem como intenção gerar o que nas religiões de matriz africana se denomina “axé”, energia que envolve tanto a ancestralidade quanto o “sentir” os orixás. Muniz Sodré (2006) entende o axé como uma *arkhé* similar àquela concebida pelos pré-socráticos da Escola de Mileto, sobretudo em Anaximandro, uma substância primária, o “[...] infinito, eterno e imperecível que ‘abarca todos os mundos’[...]” (RUSSEL, 2015, p. 52). Na *arkhé*

³ O autor participou como integrante da egrégora do Terreiro de Umbanda Vó Benedita (atualmente Tia Serafina), além de efetuar observação participante no Terreiro de Umbanda Caboclo Girassol no período 2017-2020. Ambos os terreiros estão localizados na cidade de Curitiba, Paraná.

⁴ Florence Dravet utiliza a expressão “troca triádica” (DRAVET, 2016, p. 295).

africana, “[...] o corpo se concebe como um microcosmo do espaço amplo (o cosmo, a região, a aldeia, a casa)” (SODRÉ, 2006, p. 211). O axé, portanto, é parte inerente de um fluxo comunicacional de mediação entre o *Aiyê* (o plano terreno, na língua iorubá) e o *Orun* (o céu ou o mundo espiritual).

Dada esta breve contextualização, definem-se então os objetos de estudo: optou-se pela escolha de dois canais do YouTube pioneiros na execução de giras *online* a partir de meados de março de 2020: o primeiro é o canal Adérito Simões, transmitido pelo pai de santo homônimo e o segundo, o canal Umband’Boa, transmitido pelo pai de santo Márcio Kain⁵. O critério adotado para a escolha desses canais, além do pioneirismo, foi o número de inscritos e a quantidade de visualizações; a opção pelo YouTube se deu pela qualidade dos *streamings*, bem como a facilidade de organização dos vídeos em *playlist* pessoal para análise detalhada. Algumas destas giras também foram transmitidas simultaneamente pelo Facebook.

2 Terreiro: território e corpo

Se até recentemente só se “tocavam” as giras dentro dos terreiros com a presença de toda a egrégora (pai/mãe de santo, médiuns, cambones⁶, ogãs⁷) e os consulentes – e aqui, entenda-se qualquer espaço sagrado onde exista pelo menos um pai/mãe de santo e um mínimo de médiuns, podendo ser desde um barracão até uma garagem –, o que fazer quando não se pode abri-los devido à um momento de crise? Não se pode dar passagem às entidades (incorporação), não se podem efetuar os descarregos (limpeza espiritual)? Conforme Luís Mauro Sá Martino:

[...] em momentos de crise, quando a pessoa se vê diante de situações inesperadas, geralmente começam os questionamentos a respeito de quem se é, do que se faz, de qual é seu futuro – e como entender o passado. Nesses momentos, a pessoa é levada a pensar a respeito de si mesma: a certeza tranquila a respeito de quem sou é colocada em jogo, e sou obrigado a fazer uma quebra entre quem eu era, ou achava que era, e quem eu sou diante dessa nova situação [...]. A partir dessa

⁵ O canal Adérito Simões possui cerca de 320 mil inscritos; o canal Umband’Boa, 180 mil. Levantamento realizado em 11 de maio de 2021.

⁶ Encarregado de auxiliar os médiuns incorporados, bem como fazer anotações, cuidar de detalhes da organização do terreiro, dar explicações aos consulentes (BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 215).

⁷ O ogã relaciona-se à curimba (instrumentos de percussão, como atabaques), dedicando-se ao toque e ao canto (BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 215).

crise, dessa “separação” de quem se era, novos elementos vêm se adicionar à identidade, enquanto outros desaparecem. (MARTINO, 2016, p. 139).

Considera-se como espaço sagrado na Umbanda o terreiro (no Candomblé, também são sinônimos roça e *egbé*) em toda a sua complexidade de elementos. Barbosa Júnior (2014) elenca esses elementos como pontos vibracionais (pontos energéticos e de segurança), assentamento (elementos que formam uma matriz energética da entidade que “chefia” o terreiro), firmeza (acendimento de velas para os Orixás, guias e protetores espirituais, para manter o vínculo energético), tronqueira (local destinado ao Exu protetor do terreiro, geralmente localizada na entrada), cruzeiro das almas (local específico para acendimento de velas aos Pretos Velhos, o orixá Obaluaê e todas as almas), congá (altar, semelhante ao da igreja católica, onde ficam dispostas as imagens dos orixás e demais entidades) etc. (BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 216-219).

O terreiro é espaço comunicacional, é o centro e a realidade do mundo umbandista, que lhe confere identidade:

O homem deseja situar-se num ‘centro’, lá onde existe a possibilidade de comunicação com os deuses [...]. O corpo humano, assimilado ritualmente ao Cosmos [...] é também assimilado a uma casa [...] o templo ou a casa, por sua vez são considerados como um corpo humano” (ELIADE, 2019, p. 141-42).

É no terreiro que se desenvolve a liturgia da gira, incluindo a incorporação (onde o corpo se assimila ao Cosmos): “[h]á, portanto, um espaço sagrado, e por consequência ‘forte’, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos” (ELIADE, 2019, p. 25). O espaço sagrado, portanto, no caso da gira *online* continua o sendo, porém agora mediatizado, ou seja, considerando-se a religião de Umbanda como um processo social, esta sofre em alguma medida influência das mídias, podendo ser um processo de alta mediação – uso intenso das mídias, como por exemplo o recurso do televangelismo – ou baixa mediação – um uso pontual ou até emergencial, como é o caso do recurso utilizado para transmitir os ritos em um momento de pandemia (MARTINO, 2016, p. 44-45); similarmente, pode-se considerar também um processo de mediatização direta, onde “[...] uma atividade antes não mediada adquire uma forma mediada – isto é, a atividade passa a ser

realizada a partir da interação com um meio [de comunicação]” (HJARVARD, 2014, p. 41).

Uma primeira impressão deste processo mídia-religião está em depoimento do pai de santo e *youtuber* Adérito Simões, em sua primeira gira *online* transmitida por *streaming*: “[e]sta casa, agora, em todo o momento em que for necessário, estará aberta *online* ou fisicamente para irradiar até vocês. Que a força de Umbanda seja sempre presente junto a todos vocês [...]” (SIMÕES, 2020a, 23min57s).

É bastante relevante o fato de que a incorporação, aqui considerada como o estado pleno religioso, a própria hierofania, ocorreu em algumas das giras *online* que foram objeto de investigação e em outras não. Segundo alguns pais e mães de santo, bem como filhos de fé os quais manifestaram suas opiniões nos comentários das *lives*, a incorporação não deve ocorrer fora dos terreiros, ou seja, só pode acontecer dentro do espaço sagrado pois para eles, incorporar em casa não é um ato seguro. Em sua primeira gira *online*, Adérito Simões (cujo canal leva seu nome), do Templo de Umbanda Sete Montanhas, localizado no município de Praia Grande, São Paulo, frisou que “[...] isso é novo [a realização de uma gira ao vivo], não vai ter incorporação, obviamente, mas a força vai acontecer” (SIMÕES, 2020a, 8min25s).

Para os umbandistas, o fato de incorporar fora do terreiro implica em diversos perigos do ponto de vista espiritual, visto que não há a proteção energética do espaço sagrado. Adérito Simões reforça essa recomendação:

[...] eu não tenho como amparar vocês nas suas casas, porém eu não estou na sua casa para saber o que está acontecendo, certo? O que eu digo é: se possível não incorpore, mas eu não tenho controle sobre nada, eu apenas faço aquilo que deve ser feito. Eu digo: não incorpore [...] meus filhos de santo [também] devem segurar [a incorporação]. (SIMÕES, 2020a, 24min50s).

Já o pai de santo Márcio Kain, do Terreiro de Umbanda Francisco de Assis (TUFRA) – localizado no município de Sorocaba, São Paulo – e *youtuber* do canal Umband’boa, utilizou as incorporações durante sua primeira gira ao vivo, bem como recomendou a incorporação em casa somente para médiuns, com ressalvas. Segundo as palavras do mesmo:

Se você está bem, só está se sentindo carregado, mas mentalmente você está com a mente firme e equilibrada, pode incorporar sem problema nenhum, meu filho [...]. Se você sentir a vibração, ótimo, deixe a entidade na incorporação limpar você. Isso para aqueles que são médiuns. Agora, se você está num momento onde você tem medo, angústia, ansiedade, tristeza, desequilíbrio de qualquer natureza ou está passando por um problema grave eu peço a você: não incorpore. (UMBAND'BOA, 2020a, 1min04s).

Nota-se que, tanto para Adérito Simões quanto para Márcio Kain, a preocupação com a incorporação está diretamente relacionada ao estado mental e espiritual do espectador, seja ele médium do terreiro que transmite a gira em vídeo, seja médium de outro terreiro; deve-se entender por isso que mesmo no espaço sagrado, o médium de incorporação deve estar em estado físico e espiritual ideal para a prática religiosa, seguindo diversos preceitos, entre os quais os mais comuns são a abstinência de carne, bebidas alcoólicas e relações sexuais em períodos estabelecidos pelo pai / mãe de santo: “[e]sses procedimentos visam a desobstruir os pontos de captação de energias e afinizar a vibração do médium em seu padrão pessoal.” (ESPÍRITOS..., 2004, p. 82). Portanto, deve-se complexificar o fenômeno da incorporação, estado de hierofania umbandista, como um componente pertencente à liturgia, ligado ao fundamento religioso e como um processo comunicacional da esfera espiritual para a esfera terrena.

3 Entidade, médium e consulente: uma tríade

O fenômeno dos *youtubers* dedicados a propagar a religião de umbanda não é novo. Aspectos de processos comunicacionais como a mediatização são perfeitamente aceitáveis através do formato dos canais quando estes são dedicados a propagar a ideologia da religião, tirar dúvidas dos espectadores sobre práticas e fundamentos, promover e divulgar cursos *online*, entre outros temas: “[a] mídia religiosa no contexto da Umbanda é operada por diferentes praticantes, que interpretam seus rituais e dão sentido a eles em contato com outros fiéis, mediada por dispositivos tecnológicos.” (TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JÚNIOR, 2019, p. 228), que se caracteriza como um processo mediatizado direto, segundo Stig Hjarvard (2014, p. 41). Voltando a Martino (2016), a mediatização da religião

[...] pode ser entendida como a articulação de características dos meios de comunicação, com sua linguagem, seus códigos, seus limites e possibilidades de construção de mensagens nas práticas, formações e instituições religiosas. A midiaticização não é uma relação passageira ou ocasional, mas um processo no qual tanto a mídia quanto a religião se articulam em práticas e ações comuns. (MARTINO, 2016, p. 39).

Por outro lado, não se deve afirmar que a Umbanda mediaticizada sofre (ou sofrerá) mudanças determinadas pelas tecnologias digitais; como uma forma cultural, eventuais mudanças e reconfigurações na religião não se dão meramente por determinismo tecnológico (WILLIAMS, 2016, p. 26-27; MARQUIONI, 2018, p. 56). Deve-se entender a tecnologia do *streaming* e plataformas de vídeos como recursos utilizados que levam “a bandeira de Oxalá” – as diferentes umbandas – a um público desterritorializado – segundo Pierre Lévy, “[q]uando uma pessoa, uma coletividade [...] se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam” (LÉVY, 2011, p. 21) –, público este que se encontra fora do espaço sagrado, atualmente como resposta a um momento de crise que impede a união da egrégora. Teixeira Filho e Azevedo Júnior vão além da questão determinista, incluindo também os meios e mediações:

As alterações nas religiões ultrapassam o uso da televisão, do rádio e da internet, embora a competência técnica tenha sustentado parte das mudanças na camada discursiva e do fazer religioso. Portanto, ao pensar as transformações da m[e]diaticização da religião, a concentração ocorre no sentido de interpretar como a lógica dos meios e das mediações comunicativas da cultura direciona a prática religiosa, e não apenas como a mídia e as novas tecnologias são utilizadas por organizações ou praticantes. (TEIXEIRA FILHO; AZEVEDO JÚNIOR, 2019, p. 213).

Por outro lado, considerando-se que canais de umbanda não propunham até recentemente executar o processo litúrgico (gira) exclusivo do espaço sagrado (terreiro) sem a presença de toda a egrégora via *streaming*, tem-se então outro tipo de experiência não corporal/presencial para o espectador, a experiência religiosa emulada *online*, cuja causa pode ser detectada pelo momento de exceção no País durante o período pandêmico. Nesta “encruzilhada” de experiências, é necessário costurar os elementos, agregando também como importante na experiência do espaço sagrado a questão do atendimento individual e da experiência corporal. Similarmente, de acordo com Miller e Slater (2000), poder-se-ia considerar a questão da confissão católica onde o sacerdote

não vê o confidente e vice versa, porém ambos ocupam o mesmo espaço presencialmente, e também a comunhão, o recebimento da hóstia sagrada (MILLER; SLATER, 2000, p. 185) implicando em reconfigurações dos sacramentos (SPADARO, 2013; SOUZA, 2013). Para Sodré (2006) os cultos de matriz africana (como Candomblé, Umbanda, entre outros) tem uma indissociabilidade do fator corporal e do contato físico:

Na cosmovisão desses cultos, de modo análogo à atitude hindu, colocam-se em primeiro plano o reconhecimento do aqui e agora da existência, as relações interpessoais concretas, a experiência simbólica do mundo, o poder afetivo das palavras e ações, a potência de realização das coisas e a alegria frente ao real [...da] experiência do sagrado em sua radicalidade. Decorre daí a grande importância outorgada ao corpo. (SODRÉ, 2006, p. 210).

Piza e Silva (2019) também apontam para a questão do corpo como elemento indissociável no rito, ao mesmo tempo que apontam o youtuber umbandista como objeto para digressões sobre mediatização – mesmo que neste caso o exemplo proposto pelos autores tenha sido para contextualizar o formato do posicionamento de marca e do consumo, e não da experiência religiosa propriamente dita.

Religiões mediúnicas, dentre elas mais especificamente a Umbanda, nas quais a relação de culto se constitui essencialmente em mídia primária, da comunicação corpo a corpo, não possuem ritual no qual ocorram preleções, uma vez que a mensagem ao fiel é personalizada, associada, portanto, a um contexto pessoa a pessoa. Tal cenário passa a se alterar na medida em que os processos midiáticos baseados em mídia terciária se desenvolvem no sentido de uma comunicação em rede, muito presente na dinâmica da internet. Nesta composição, plataformas como Youtube - de circulação de conteúdos culturais, informativos e científicos - streaming de vídeos - passam, como em outros setores da sociedade, a propor contextos comunicacionais associados à lógica multidirecional (diversos emissores e receptores, atuando associativamente em rede). Nesta perspectiva, vemos emergir um novo fenômeno, que denominamos Youtubers Umbandistas. (PIZA; SILVA, 2019, p. 7).

Buscando uma problematização à questão da gira “presencial” reconfigurada na gira *online*, caracterizada como o espaço sagrado em contraposição ao espaço virtual, faz-se necessário mencionar um elemento que é o próprio desdobramento da tríade como elemento de mediação e comunicação: o principal fundamento da Umbanda, “a

manifestação do espírito para a caridade”. Tal fundamento foi proferido pelo espírito Caboclo das Sete Encruzilhadas através do médium Zélio Fernandino de Moraes em 15 de novembro de 1908 (AZEVEDO, 2008, p. 9; REIS, 2011, p. 46; JURUÁ, 2013, p. 19; BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 22; OMOLUBÁ, 2014, p. 13), data esta considerada como o marco de fundação da religião. Manifestar o espírito para a prática da caridade significa estabelecer comunicação entre o “mundo espiritual” e o “mundo terreno”. O espírito se manifesta através do médium; como o próprio termo sugere, é ele que será o mediador (e também o decodificador) das informações transmitidas pela entidade espiritual ao consulente⁸.

Para que se possa compreender melhor o processo, define-se a tríade da seguinte maneira: um (A) espírito (ou entidade, no jargão umbandista), para se manifestar, necessita estar incorporado em um (B) ser humano (o próprio médium, chamado de aparelho ou cavalo também no jargão religioso) para que possa através dele efetuar a prática da caridade, ou seja, irradiar a sua energia (axé) com várias finalidades, sejam passes energéticos, limpeza espiritual com a utilização de elementos como fumo e ervas ou simplesmente a transmissão de palavras de esperança, fé e aconselhamento ao (C) consulente. Portanto, para que o fundamento “manifestação do espírito para a caridade” tenha efeito, é necessária a indissociabilidade dos elementos (A) + (B) + (C) dentro do espaço ideal para esta comunicação, ou seja, presencialmente dentro do terreiro.

4 A gira *online* como emulação da gira presencial

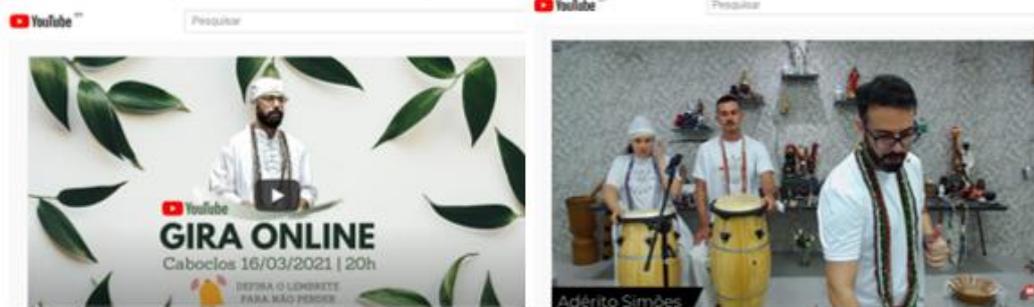
Considerando que a gira *online* é uma forma desterritorializada parcialmente de proporcionar uma experiência religiosa aos umbandistas confinados em suas casas devido à pandemia e indeterritorializada para quem está no espaço sagrado executando e transmitindo ao vivo a liturgia, levando em conta a proibição de práticas religiosas com aglomerações de público durante o período pandêmico, enfatiza-se o caráter emulado desta prática, visto que a liturgia não está completa de acordo com o fundamento exposto anteriormente.

⁸ Optou-se pela expressão “consulente” para indicar aquele que se consulta com as entidades espirituais, que é parte da egrégora não presente na corrente mediúnica; termo similar também utilizado é “assistência”, o que pode gerar confusão com assistentes de terreiro (cambones); julgou-se mais adequado, portanto, a substituição por “consulência”. O termo é também utilizado por Florence Dravet (2016, p. 299).

O caráter de emulação na gira *online* também é observado por Adérito Simões em sua primeira gira neste formato, ao afirmar: “[...] que eu fiz? Eu firmei todo o terreiro, coloquei tudo pra frente, não tenho a menor ideia do que eu vou fazer. Pra mim vai ter uma gira.” (SIMÕES, 2020a, 4min24s). Adérito Simões também evoca a consciência de que sua egrégora está desterritorializada, ratificando novamente o aspecto emulado:

Saúdo [...] toda a minha comunidade de santo [...], todos os filhos de Umbanda, e toda a minha egrégora que aqui [dirigindo-se aos espectadores] está nos acompanhando hoje aos trancos e barrancos [...] sem conseguir transmitir tudo o que é possível, fazendo o que dá, não temos a menor ideia de como está saindo pras pessoas [...]. (SIMÕES, 2020b, 10min43s).

Figura 1 – Frames de uma gira *online* de Adérito Simões: à esquerda, a chamada para a *live*; à direita, ajustes de câmera, checagem de som dos microfones e do *streaming*.



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DTwzOgixOgI>. Acesso em: 10 mai. 2021.

A experiência religiosa no espaço sagrado, corporal e presencial acima de tudo (como já citado em Sodré e Eliade), inclui o atendimento espiritual “um para um”, ou seja: para cada consulente, uma entidade para auxílio, na liturgia resumida por Ademir Barbosa Júnior (2014): “[v]ariações à parte, [as giras] costumam ter mais ou menos a mesma estrutura: firmeza para Exu; abertura; defumação; preces e saudações; *atendimentos e/ou consultas* e trabalhos propriamente ditos; encerramento (BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 220, grifo nosso).

Vale mencionar que certas vertentes de Umbanda, além do atendimento individual também promovem passes energéticos coletivos, mas neste caso ainda demandam a presença corporal, pois os médiuns incorporados lançam mão de recursos como fumo, velas, ervas, água, etc., aplicados diretamente nos consulentes. De qualquer forma, tanto Adérito Simões como Márcio Kain buscaram adaptar essa ritualística a seus espectadores, nas giras observadas, como uma prática que caracteriza emulação. Adérito

Simões ilustra o aspecto de emulação da gira *online* dirigindo-se à audiência da seguinte forma:

Salve a tudo e a todos, dou por aberta aqui a nossa gira, para o nosso trabalho, para edificação da nossa Umbanda e levando o axé para todos que estão necessitados em casa. Coloquem as mãos, *já que eu não posso dar um passe, já que eu não consigo dar uma consulta, coloquem vossas mãos estendidas à frente [...], fique [dirigindo-se ao espectador] agora propício, aberto, para receber as forças do plano espiritual.* (SIMÕES, 2020a, 20min38s, grifo nosso).

Presente no espaço sagrado indeterritorializado, Márcio Kain (e parte da egrégora composta por alguns médiuns) procurou também emular via *streaming* a energia do seu terreiro (axé) para o espaço virtual dos espectadores desterritorializados:

Toda a equipe espiritual está aqui dentro do congá. Enquanto eu estiver orientando vocês durante a gira o pessoal da equipe espiritual vai [estar] incorporando até pra que eu possa manipular não somente o axé dos Orixás que está contido na casa, mas a energia que sairá das entidades manifestadas pra chegar até você, pra ativar o axé dentro de você. (UMBAND'BOA, 2020a, 2min51s).

Figura 2 – Frames de uma gira *online* de Márcio Kain: chamada para a *live* (à esquerda); preleção e tela *QR Code* para doações (à direita).



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P92dWB9UMIY>. Acesso em: 10 mai. 2021.

E também em outra gira, Kaim afirmou que “[...a] hora que eu estiver encaminhando a benção, invocando a benção dos Orixás e guias pra você, você sinta, feche teus olhos e deixe ser tomado por esse axé.” (UMBAND'BOA, 2020b, 03min06s). Percebe-se então, através das considerações dos youtubers, o caráter paliativo no uso do recurso de *streaming* para a execução da prática religiosa emulada no espaço virtual.

5 Discussão, considerações e desdobramentos

A partir da problemática exposta nesse artigo – um momento de crise onde o ser religioso necessita praticar sua crença sob a adversidade, mesmo que isso implique em fragmentações identitárias – observa-se a desterritorialização parcial do espaço sagrado, onde parte da egrégora não está presente fisicamente no terreiro e sim virtualmente como espectadores em redes sociais, abstendo-se da hierofania presencial e participando da liturgia emulada em streaming. Diante deste cenário, considera-se que a ausência do corpo no espaço sagrado, tida no caso da Umbanda como essencial para a hierofania, reconfigura vários aspectos litúrgicos.

O primeiro deles é a incorporação enquanto processo comunicacional entre o mundo espiritual e o mundo terreno: a incorporação para os médiuns desterritorializados não é uma prática recomendada, apesar de não ser proibida (vide os comentários citados anteriormente); a incorporação é entendida como indissociável do espaço sagrado, onde há a orientação do dirigente (pai ou mãe de santo) e a segurança energética do terreiro, com suas firmezas, assentamentos, etc.

O segundo aspecto de reconfiguração diz respeito à ruptura causada na tríade entidade/médium/consulente – elementos (A)+(B)+(C) –, desdobramento do fundamento umbandista “manifestação do espírito para a caridade”. Essa ruptura tanto é causada pela ausência de incorporação do umbandista que está dentro do espaço sagrado transmitindo a gira na plataforma online (caso do youtuber Adérito Simões, que não incorporou nas giras observadas no estudo) quanto pelo umbandista desterritorializado; mesmo que a incorporação ocorra (caso do youtuber Márcio Kaim), ainda assim a liturgia não está completa, pela ausência do elemento (C) – o consulente, significando a ausência da assistência individualizada presencial “um para um”. Percebe-se que as reconfigurações expostas acima merecem aprofundamento e reflexão tanto no campo das Ciências Sociais como a Comunicação (enquanto processo comunicacional) quanto das Ciências da Religião (enquanto alterações em fundamentos religiosos). O recorte observado e analisado abrange um período de exceção, mas pode vir a ser uma tendência para um processo mediatizado duradouro e que alcance públicos que, devido à ausência de terreiros “físicos”, lancem mão dessa alternativa para a prática religiosa.

Como desdobramentos possíveis, pode-se apontar algumas trilhas: em primeiro lugar, as giras online como espaço de resistência identitária, ou mesmo sobrevivência da prática religiosa frente à pandemia, não sendo ela fruto de um determinismo tecnológico; ao contrário: a utilização das mídias possibilita uma forma de expressão religiosa, de existência mesmo que fragmentada. Em segundo lugar, para uma pesquisa de campo, sugere-se atenção ao potencial corpus que tanto os pais e mães de santo youtubers possam fornecer em entrevistas (os objetos de estudo vão além dos utilizados neste artigo), bem como uma análise apurada de comentários aos vídeos, indicando possibilidades que referendem ou refutem o formato da gira online.

Referências

- AZEVEDO, Janaina. **Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.
- DRAVET, Florence. O imaginário ou a comunicação entre o corpo e linguagem: problematização do fenômeno da incorporação no Brasil. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 15, n. 30, p. 287-306, jul./dez. 2016.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- ESPÍRITOS diversos. **Código de Umbanda**. [Psicografado por Rubens Saraceni]. São Paulo: Madras, 2004.
- HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.
- JURUÁ, Padrinho. **Coletânea Umbanda “a manifestação do espírito para a caridade”**: as origens da Umbanda I. São Caetano do Sul: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2011.
- MARQUIONI, Carlos Eduardo. Sobre preparação cultural, atenção e distração nos modos de assistir TV: uma análise do caso da experiência de múltiplas telas. **Conexão – comunicação e cultura**, Caxias do Sul, v. 17, n. 33, jan./jun. 2018, p. 39-59.
- MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

MIKLOS, Jorge. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura**: a ciber-religião. 2010. 145 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The internet**: an ethnographic approach. Oxford: New York: Berg, 2000.

OMOLUBÁ. **Doutrina e práticas umbandistas**: cadernos de Umbanda. São Paulo: Ícone, 2014.

PIZA, Vania de Toledo; SILVA, Mauricio Ribeiro. Mídia e religiões mediáticas: análise da produção audiovisual de um youtuber umbandista. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 6., São Paulo, SP. **Anais [...]**. São Paulo, SP: SESC São Paulo, 2019.

REIS, Sergio Martins dos. **Universo umbandista**: Umbanda tem fundamento, é preciso preparar. São Paulo: [Livro eletrônico], 2011.

RUSSEL, Bertrand. **História da filosofia ocidental, livro 1**: a filosofia antiga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SIMÕES, Adérito. Gira online. [S.I.]: **YouTube**, 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yn4pJf6Y310&list=PLjrLGdkeT6LcJFEbbB335UIKNJCqdW4FD&index=11&t=221s>. Acesso em: 07 jun. 2021.

SIMÕES, Adérito. Gira online. [S.I.]: **YouTube**, 09 abr. 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z8k0EP2eglU&list=PLjrLGdkeT6LcJFEbbB335UIKNJCqdW4FD&index=13&t=95s>. Acesso em: 11 mai. 2021.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA, Marcos Túlio de. Mídia e religião: dispositivos em conexão: a reconfiguração da experiência religiosa no mundo digital. In: GOMES, P. G. [et. al.]. **Mídias e religiões**: a comunicação e a fé em sociedades em mediação. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2013. 1 CD-ROM.

SPADARO, Antônio. O mistério da Igreja na era das mídias digitais. In: GOMES, P. G. [et. al.]. **Mídias e religiões**: a comunicação e a fé em sociedades em mediação. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2013. 1 CD-ROM.

TEIXEIRA FILHO, Clóvis; AZEVEDO JÚNIOR, Aryovaldo de Castro. Umbanda mediada: entre consumo, músicas e experiências pessoais. In: CAMARGO, H. W. (Org.). **Umbanda, cultura e comunicação**: olhares e encruzilhadas. Curitiba: Syntagma Editores, 2019.

UMBAND'BOA. Live Gira no TUFRA. [S.I.]: **YouTube**, 19 mai. 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V3GsFpilnFo&t=2815s>. Acesso em: 10 jun. 2020.

UMBAND'BOA. Gira online - Caboclos. [S.I.]: **YouTube**, 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P92dWB9UMIY>. Acesso em: 10 mai. 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUC Minas, 2016.